

Corrêa Porto Sanches Fadel, Natália
Natureza e Linguagem em Os Discípulos em Saïs, de Novalis
Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germanísticos, núm. 12, 2008, pp. 65-
79
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386641446007>

Natureza e Linguagem em *Os Discípulos em Saïs*, de Novalis

Natália Corrêa Porto Sanches Fadel¹

Abstract: This paper examines the novel *Die Lehrlinge zu Sais* by Novalis and aims to identify features of a language theory which is based on German Idealism. For Novalis, who has witnessed the establishment of modern linguistics and was himself a reputed researcher on philology, language reflects a potential relation between spirit and world. This suggestion is the opposite of today's classic concept of the arbitrariness of signs. Considered by critics as unfinished, this novel contains a rich range of material which may serve as the basis of a symbolic-poetic language theory. The approach therefore looks at *Die Lehrling zu Sais* with a view to identifying features of a romantic philosophy or theory of language.

Keywords: Novalis; *Die Lehrlinge zu Sais*; German Early-Romanticism; Language philosophy.

Resumo: A seguir, procuraremos identificar na obra *Die Lehrlinge zu Saïs*, de Novalis, um dos autores mais significativos do assim chamado Primeiro Romantismo Alemão, os pressupostos de uma teoria da linguagem que se sustenta no Idealismo Alemão. O problema se delineia à medida que, para Novalis, contemporâneo do estabelecimento das bases da lingüística moderna, e, ele próprio, estudioso de filologia, observar-se-ia no fenômeno da linguagem uma possível relação entre espírito e mundo, o que, por sua vez, se opõe ao conceito hoje clássico da arbitrariedade do signo. Considerada pela crítica como um fragmento de romance, a narrativa de Novalis em questão apresenta um elenco bastante rico no que se refere aos pressupostos de uma possível teoria da linguagem de caráter simbólico-poético e messiânico. Assim sendo, a abordagem a *Os Discípulos em Saïs* terá como perspectiva a possível identificação, no texto literário, de características desta filosofia ou teoria romântica da linguagem.

Palavras – chave: Novalis; *Os Discípulos em Saïs*; Primeiro Romantismo Alemão; Filosofia da Linguagem.

Zusammenfassung: Das Ziel dieser Arbeit ist es, die Eigenschaften einer Sprachtheorie, die auf der Grundlage des deutschen Idealismus basiert, in einem der fragmentarischen Romane Novalis, *Die Lehrlinge zu Saïs*, zu identifizieren. Laut Novalis, Zeitgenosse der modernen Linguistik und selber Philologe, gäbe es eine Verbindung zwischen Geist und Welt auf der Ebene der Sprache, eine Konzeption, die dem modernen Konzept der Arbitrarität des Zeichens entgegensteht. Unser Hauptziel ist somit die Identifizierung der Merkmale dieser romantischen Sprachphilosophie oder -theorie.

Stichwörter: Novalis; *Die Lehrlinge zu Saïs*; Frühromantik; Sprachphilosophie.

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP- Universidade Estadual Paulista- Araraquara. Email: natifadel@hotmail.com

Ao início da segunda parte da obra *Die Lehrlinge zu Saïs*, intitulada “die Natur”, a narrativa remete-nos ao episódio bíblico da criação do mundo, o “Mundo Original” criado por Deus. Na assim chamada ‘Idade de Ouro’, o homem teria vivenciado o dom do conhecimento total, em comunhão plena com a natureza e com Deus. Ao “homem caído” caberia a tarefa de recobrar tal dom divino, recuperando a Linguagem Original por meio da poetização do mundo.

Cabe dizer que o mito da Idade de Ouro há muito permeia o imaginário humano, como na cultura dos Sumérios há mais de quatro mil anos, cuja história contava a trajetória de Dilmun, ou no Egito, conhecido como “Rê e Ísis”. De acordo com Marie Josette BÉNÉJAM-BONTEMPS:

Se o mito é uma narrativa que depende da tradição oral ou escrita, capaz de despertar no ouvinte ou no leitor representações coletivas ligadas a aspirações e a fatos contemporâneos, então a Idade de Ouro é o mais representativo dos grandes mitos da humanidade. Presente em várias culturas, do passado longínquo ao tempo presente, oferece, na sua permanência, a imagem da felicidade do homem, sob o olhar de deuses ou de Deus, como realização feliz do destino universal. (*apud* BRUNEL 2004: 474)

Desta forma, para Novalis, o homem sábio seria aquele que conseguia perceber a natureza em sua essência, de maneira a entrar em comunhão com ela. A natureza seria, então, a maior expressão da força divina, uma vez que nela permaneceriam os resquícios do Mundo Original. Em sua ânsia de descobrir as coisas do mundo racionalmente, o homem teria se distanciado de si mesmo, de seu interior, o que o teria afastado cada vez mais de seu passado mítico, o qual o levaria ao verdadeiro conhecimento: “Talvez se trate apenas de uma aptidão doentia dos homens recém-chegados, que lhes fez perder a faculdade de voltar a misturar as cores internas do seu espírito e recuperar, à vontade, o estado natural primitivo e simples.” (NOVALIS 1989: 39). Desta maneira, o homem deixou o mundo original em busca do conhecimento, encontrando-se cada vez mais distante do verdadeiro conhecimento, que reside no mundo do qual partiu, na Idade de Ouro: “O trabalho imenso foi distribuído: enquanto uns tentaram acordar os sons calados que se tinham perdido pelo ar e pelos bosques, outros depositaram no bronze e na pedra o pressentimento e a idéia que tinham sobre as raças mais perfeitas.” (NOVALIS 1989: 44).

Na Idade de Ouro vivíamos como essas ondas; as raças humanas amavam e geravam-se em eternos jogos nas nuvens multicores, em mares flutuantes e mananciais de tudo o que na terra existe; e os filhos do céu lá apareciam a

visitar os homens. Esse mundo florescente desapareceu ao dar-se o grande sucesso que as lendas sagradas chamam de dilúvio. Uma potência inimiga derrotou a terra e só alguns homens, agarrados aos rochedos das novas montanhas, subsistiram num estranho mundo. (NOVALIS 1989:74)

A partir da passagem acima, percebemos que nem todos os homens se afastaram completamente do mundo do qual partiram, alguns permaneceriam em busca de seu passado: o poeta seria aquele capaz de promover o reencontro com seu passado original, uma vez que a poesia seria a linguagem de tal mundo. A poesia seria a linguagem divina, a qual mais se aproximaria da natureza, capaz de unir todas as coisas, tendo o universo inteiro transformado em música:

O caráter accidental da Natureza parece que também se liga, só por si, à idéia da personalidade humana, e ao ser considerada assim, como criatura humana, pôde a Natureza ficar mais inteligível. Por isto mesmo foi a poesia o instrumento favorito do amigo da Natureza; e nos poemas é que mais claramente surgiu seu espírito. (NOVALIS 1989: 41)

Faz-se necessário esclarecer que tal concepção acerca da natureza, de Deus, do homem e da arte, parte da teoria romântica segundo a qual o universo constituiria um macrocosmo composto de diversos microcosmos, sendo que cada parte desse Todo perfeito constituiria em si um Todo. Desta maneira, no mundo original, todas as coisas e os seres estariam profundamente interligados, em comunhão plena. A natureza seria, então, nada mais do que o espelhamento do homem e vice-versa: “Ao conjunto do que nos toca se chama Natureza, e assim esta se encontra em relação direta com as partes do corpo chamadas sentidos. As desconhecidas e misteriosas relações do nosso corpo pressupõem as desconhecidas e misteriosas relações da Natureza.” (NOVALIS 1989: 63).

A partir daquilo que concebe como “conhecimento”, o homem encontrou-se desligado do Todo Orgânico, distante da verdade original. A tarefa do poeta romântico seria, assim, resgatar seu passado mítico, de maneira a reunir-se ao todo original. No entanto, uma vez que ele também faria parte deste Todo inexplicável, teria de encontrar dentro de si mesmo sua verdade, pois contém dentro de si o Todo pelo qual anseia:

Em nós, no fundo desta fonte, vive um mundo mais puro. Manifesta-se aqui o verdadeiro sentido do complexo, imenso e multicolor espetáculo; e se entrarmos na Natureza com os olhos cheios deste espetáculo, parece-nos tudo familiar; e reconhecemos todos os objetos (...). Tudo se transforma num criptograma imenso, do qual temos a chave; nada nos parece inesperado por já conhecemos, de antemão, a marcha do grande relógio. (NOVALIS 1989: 51)

Ao enxergar sua verdade interior, o homem passaria a ter, então, o domínio dos dois mundos, o interior e o exterior, o que constituiria o verdadeiro conhecimento: “o mundo exterior faz-se transparente, e o interior complexo e cheio de significado. Deste modo o homem passa a um vivo estado íntimo entre dois mundos, na mais completa liberdade e em suave consciência da força que tem.” (NOVALIS 1989: 62).

Também a Arte possuiria papel fundamental nessa busca do poeta, pois ela seria a forma de expressão que mais se aproximaria da natureza, perfeita em suas imperfeições: “quem quiser participar neste desbravar da natureza, deverá freqüentar o estúdio do artista, ouvir a insuspeitada poesia que se filtra por todas as coisas, nunca se mostrar cansado de contemplar a natureza nem manter com ela relações.” (NOVALIS 1989: 46). Assim sendo, a Arte não apenas mediaria o racional e o sensível, como também finito e infinito. Tal mediação estético-sensorial constituiria, então, um paralelo aos movimentos incessantes do fluxo de consciência, os quais estariam diretamente ligados ao corporal, ou seja, à forma. De acordo com Laurie JOHNSON, “*Art also indicates and makes productive (in that it brings to our awareness) a tension between the individual and the absolute; its creation and apprehension entail the realization that expression is limited to individual, finite units, yet must attempt simultaneously to convey infinity.*” (JOHNSON 2002: 122).

Desta forma, aquele que se julgasse conhecedor de todas as coisas – leia-se aqui, pautado pela Razão –, estaria mais distante da Verdade do mundo, pois jamais seria possível encontrar uma resposta para tudo, uma vez que esta residiria no infinito, no Todo Orgânico do qual todos teriam vindo:

Há quem julgue que não vale a pena estudar as infinitas subdivisões da Natureza e, por outro lado, será mesmo perigosa empresa, sem saída. Nunca se descobrirá a partícula mais pequena dos corpos sólidos, nem a sua fibra mais tênue, já que a grandeza se resolve toda no infinito, com avanço ou com recuo. (NOVALIS 1989: 47)

Acompanhando o processo de não-sintonia do homem com a natureza, na medida em que este for se afastando do verdadeiro conhecimento, a linguagem adâmica, aquela capaz de fundir signo e o que este representa (*darstellen*), deixa de existir, passando à abstração, ou seja, ao conceito, à linguagem da lógica. Uma vez esvaziada, ao poeta resta a tarefa de reconstituição da linguagem adâmica, já que apenas a poesia poderia aproximar-se dela. Restabelecendo tal “Linguagem Originária”, o poeta

aproximar-se-ia do conhecimento universal, restituindo a harmonia com a natureza e com o Todo-Uno. Tal tarefa seria caberia apenas ao Gênio.

Após a criação do mundo, os homens tornaram-se seres “inteligentes”, o que os tornou incapazes de compreender o universo plenamente em sua essência, uma vez que se encontram distantes da natureza, a qual os guiaria de volta ao Mundo Original. A reaproximação com a natureza levaria o homem ao reencontro consigo mesmo, e a partir disso, à revelação do conhecimento total. Quanto mais próximo estiver o homem da natureza, maior será sua capacidade de compreendê-la:

Je vereinigter sie sind, desto vollständiger und persönlicher fließt jeder Naturkörper, jede Erscheinung in sie ein: denn der Natur des Sinnes entspricht die Natur des Eindrucks, und daher musste jenen früheren Menschen alles menschlich, bekannt und gesellig vorkommen, die frischeste Eigentümlichkeit musste in ihren Ansichten sichtbar werden, jede ihrer Äußerungen war ein wahrer Naturzug, und ihre Vorstellungen mussten mit der umgebenden Welt übereinstimmen, und einen treuen Ausdruck derselben darstellen. (NOVALIS 1981: 99)

Na passagem acima fica evidente a idéia de comunhão total entre homem e natureza. Desta forma, o homem, num passado distante, teria sido parte da natureza, de maneira a formar um Todo-Uno, o qual, por sua vez, fora aos poucos se desgastando, ao culminar no estágio em que homem e natureza não mais poderiam se compreender e se comunicar mutuamente. O Todo-Uno parece ter-se dividido como que numa explosão cósmica, permanecendo apenas o jogo de espelhamento recíproco.

Para Novalis, ao contrário da prática científica, não caberia apenas ao cientista desvendar os mistérios da natureza, pois muito mais do que a mera observação, seria necessária a simbiose entre homem e natureza para compreendê-la: compreender o Todo, e nele suas partes. Para isso, tal homem deveria ser dotado de sensibilidade extrema e reflexão aguçada, filosófica. A junção do cientista e filósofo culminaria, então, no poeta:

Resembling the poet or enraptured lover in their ardent commitment to nature (rather than the merely curious and selfish analytic scientist) the true adepts are ‘poeticized’ scientists attempting to understand or to interpret the meaning of the whole without first needing to analyze the structure of the parts. The true philosopher of nature approaches his subject synthetically rather than analytically. For only in this fashion can the meaning of the whole, which is its spirit, be grasped. Understanding the whole before he knows the parts, the true philosopher of nature understands the parts properly: he knows their relation to the whole as well as to each other and, therefore, can fully appreciate the role they play and the significance they have. (PFEFFERKORN 1988: 114)

Assim, Novalis sugere-nos que apenas o poeta teria entendido e cantado o espírito uno da natureza, enquanto os cientistas, controladores da natureza, nada mais teriam feito do que ignorá-lo:

Unter ihren (Naturforscher) Händen starb die freundliche Natur, und ließ nur tote, zuckende Reste zurück, dagegen sie vom Dichter, wie durch geistvollen Wein, noch mehr beseelt, die göttlichsten und muntersten Einfälle hören ließ, und über ihr Alltagsleben erhoben, zum Himmel stieg. (...). So genoss sie himmlische Stunden mit dem Dichter, und lud den Naturforscher nur dann ein, wenn sie krank und gewissenhaft war. (NOVALIS 1981:101).

Deste modo, a poesia seria a chave para se compreender os mistérios naturais, reunindo em si linguagem e cognição, característica que se perdeu na medida em que a linguagem foi se aproximando apenas de sua função comunicativa. Nas belas palavras de ESTERHAMMER:

It's [poetry] the mode of language in which the natural connection between signifier and signified, which is gradually lost from sight as language becomes conventional, may be regained and re-experienced. Since language itself is a poem of the entire human race, ever becoming and changing, never complete, literature is really meta-poetry, or poetry of poetry. (ESTERHAMMER 2000: 103)

Seguindo o raciocínio de Novalis, não é de se estranhar a primazia de gêneros aparentemente simples, como o conto de fadas, em detrimento de tratados científicos, bem como da exaltação da criança em comparação à figura do cientista. Tanto o conto de fadas quanto a criança remontariam ao passado mítico humano - “Onde há crianças, ali é uma idade de ouro” (NOVALIS 2001: 90) - , de forma que na pureza e inocência da criança verificar-se-ia o conhecimento total, enquanto que no *Märchen* o homem experienciaria tal passado: “A doutrina da fábula² contém a História do mundo arquetípico, ela compreende Antigüidade, presente e futuro”(NOVALIS 2001: 90). Os personagens dos contos de fadas apresentam-se em plena comunicação com o mundo, remetendo-nos à situação ideal de comunhão plena entre a natureza e o homem que se verificava na “Idade de Ouro” sugerida por Novalis:

Noch früher findet man statt Wissenschaftler Erklärungen, Märchen und Gedichte voll merkwürdiger bildlicher Züge, Menschen, Götter und Tiere als gemeinschaftliche Werkmeister, und hört auf die natürlichste Art die Entstehung der Welt beschreiben. Man erfährt wenigstens die Gewissheit eines

²A partir dos escritos de Novalis a esse respeito, entende-se aqui a fábula equiparada ao conto de fadas.

zufälligen, werkzeuglichen Ursprungs derselben, und auch für den Verächter der regellosen Erzeugnisse der Einbildungskraft ist diese Vorstellung bedeutend genug. (NOVALIS 1981, 100)

Ainda no tocante à criança em *Die Lehrlinge zu Sais*, é importante ressaltarmos a representação do poeta pela figura de um menino descrito à semelhança da imagem bíblica de Jesus Cristo. Este menino seria um dos poucos capazes de compreender o mundo em sua essência: “Tinha belos olhos escuros de azulínea profundidade; pele que resplandecia como as açucenas; e cabelos a brilhar como as velhas nuvens do entardecer”. (NOVALIS 1989: 34).

Para Novalis, de acordo com sua teoria das *Wechselrepräsentationen*, isto é, o jogo de espelhamentos, o Homem, enquanto criação divina, seria a imagem reversa de Deus. Ao mesmo tempo, a Criança consistiria na imagem reversa do Homem, o que a aproximaria de Deus. Tem-se então: Criança- reverso do homem. Homem- reverso de Deus. Logo: Criança semelhante a Deus.

Partindo-se desta mesma seqüência lógica de espelhamentos ou “representações inversas”, a História, ao representar a realidade, seria o reverso desta. Assim, o conto de fadas, ao constituir uma representação da História, estaria mais próximo da realidade, do mundo real. De maneira sucinta: O conto de fadas- espelha (inverte) a História. A História- espelha (inverte) a realidade. Portanto: conto de fadas semelhante à Realidade.

Por meio desta seqüência de espelhamentos, dentro da lógica de Novalis, percebemos melhor o por quê da elevação da figura da criança em detrimento do Homem, já que aquela estaria mais próxima do divino. Entende-se também a posição de primazia do conto de fadas em relação à História, pois representaria a realidade de maneira mais eficiente.

Assim, comprehende-se melhor a importância da Criança e do Conto de fadas não apenas para Novalis, como para toda a geração de poetas românticos de Jena. As palavras de PFEFFERKORN poderão esclarecer-nos eventuais dúvidas:

In its games the child imitates, that is, mirrors the adults and thus presents an inverse and reversed image of them. The greater wisdom of the child, then, is due to its being a reversal of God's reversed image: man. In the child, God's nature is presented more directly. Similarly, if man is to reverse history's reversal of true Being, history must become Märchen. (PFEFFERKORN 1988: 178-9)

Partindo-se deste mesmo princípio do *Ordo Inversus* novalisiano, ao qual pertencem as *Wechselrepräsentationen* (jogo de espelhamentos ou representações

inversas), podemos compreender também a supremacia da Arte em detrimento da Natureza, já que a Arte seria a imagem reversa da Natureza, a qual, por sua vez, é fruto da criação divina. Tem-se, portanto: Arte - Natureza - Deus. Arte e Deus são semelhantes, já que cada um em seu pólo reflete a Natureza de maneira inversa. Assim sendo, a Arte estaria mais próxima de Deus, constituindo seu universo autônomo- a Arte não mais é encarada como mera imitação:

Art, language, or mathematics- in fact any representational system that has a formal structure- thus is a world in itself: as mirror image it is other than what it mirrors because it is a reversal of it.[...] Insofar as we ourselves are representations of the world-soul or are created in God's image, we must then be in every respect the inverse and opposite of the divine attributes.
(PFEFFERKORN 1988: 176-7.)

A idéia de inversão, isto é, do *Ordo Inversus*, perpassa todos os objetos de estudo de Novalis, estendendo-se, assim, também ao âmbito da linguagem.

A partir da intensa investigação dos tratados de Fichte acerca da linguagem, Novalis trabalhou alguns de seus conceitos, escrevendo os *Fichte-Studien*, reflexões que, para os primeiro-românticos, constituiriam um aperfeiçoamento das idéias de Fichte.

Em linhas gerais, de acordo com Fichte, a linguagem original (*Ursprache*) não teria surgido a partir dos sons, ou melhor, da fala, mas sim da necessidade do homem de comunicar-se por meio de sinais, isto é, de signos: *Daher die Aufgabe zur Erfindung gewisser Zeichen, wodurch wir anderen unsere Gedanken mitteilen können. Bei diesen Zeichen wird indessen einzig und allein der Ausdruck unserer Gedanken beabsichtigt.* (FICHTE 1846: 308).

Assim, os primeiros passos do homem em direção ao estabelecimento de uma linguagem comum teriam surgido a partir de hieróglifos (*Hyeroglyphensprache*), os quais, segundo Fichte, seriam arbitrários. Para o filósofo, os primeiros signos constituiriam imitações (*Nachahmung*) da natureza, de maneira que o desejo de comunicá-los teria sido voluntário (motivado), mas a maneira como eram representados não. Poder-se-ia escolher qualquer coisa para representar o que se quisesse comunicar, já que “*im Zeichen selbst war keine Wilkür.*” (FICHTE 1846: 310). Tal aspecto levou Novalis a discordar de Fichte, já que, para o poeta, a linguagem teria sim partido de signos motivados, uma vez que o homem teria sido impulsionado (*Trieb*) a criá-la movido por uma sensibilidade profunda despertada nele pela natureza: “*the origin of*

language is found in each being's desire and drive to give outer expression to its inner truth. The relation between words and what they stand for, then, is anything but arbitrary” (PFEFFERKORN 1988: 91. Grifo nosso.).

Assim, Fichte ignora em sua concepção de linguagem algo que para Novalis seria fundamental: a sinergia existente entre as palavras e o que elas significam. Cada um desses pares (palavra e significado) formariam um universo infinito dentro do universo próprio da linguagem, o que só se concretizaria no ato do falar. Essa energia inexplicável poderia ser apreendida por poucos, mas jamais plenamente compreendida. Fundamenta-se, assim, o “Idealismo Mágico” dos primeiros românticos. De acordo com MENNINGHAUS,

Das Prinzip der Sprache', so F. Schlegel, 'ist die Energie'. Diese magische Energie wiederum realisiert sich nicht vermöge der transportierten Bedeutungen, sondern in der 'Bewegung', in 'Form und Geist' des Sprechens selbst: ,Der lächerliche Irrtum ist nur zu bewundern, dass die Leute meinen – sie sprächen um der Dinge willen. Gerade das Eigentümliche der Sprache, dass sie sich bloß um sich selbst bekümmert, weiß keiner. (MENNINGHAUS 1995: 218)

Em concordância com Herder, e não com Fichte, Novalis acredita que a criação da linguagem teria partido da vontade do homem de responder à natureza. Por meio deste ‘grito’ repleto de musicalidade e sentimento, a linguagem teria surgido como que em sinal de oração à grandeza da natureza, externando o espírito, a verdade humana. Nas palavras de HERDER,

Die geschlagne Saite tut ihre Naturpflicht: sie klingt, sie ruft einer gleichfühlenden Echo (...). Hier ist ein empfindsames Wesen, das keine seiner lebhaften Empfindungen in sich einschließen kann, das im ersten überraschenden Augenblick, selbst ohne Willkür und Absicht, jede in Laut äußern muss. (...) Diese Seufzer, diese Töne sind Sprache. Es gibt also eine Sprache der Empfindung, die unmittelbares Naturgesetz ist. (HERDER 2002: 5-6. Grifo nosso.)

Enquanto para Fichte, a criação da linguagem estaria diretamente relacionada à razão, de maneira que sem o pensamento, não haveria linguagem, - “*Sprache, im weitesten Sinne des Wortes, ist der Ausdruck unserer Gedanken durch willkürliche Zeichnen.*” (FICHTE 1846: 301), Novalis acreditava ter sido o sentimento do homem o que deu o impulso para que a linguagem se estabelecesse, de maneira que os conceitos de sentimento e imaginação (*Einbildungskraft*) irão se confundir ao longo do desenvolvimento da teoria novalisiana acerca da linguagem.

No que se refere ao hieróglifo, é importante dizer que, segundo Novalis, todo e qualquer elemento da natureza constituiria um símbolo – ou signo –, isto é, tudo seria linguagem. Desta forma, o mundo estaria em comunicação constante com o homem pelo simples fato de ‘estar lá’, cabendo ao homem decifrar essa linguagem aparentemente oculta, restabelecendo, então, a comunicação plena observada na Idade de Ouro.

A linguagem enaltecida por Novalis, portanto, só poderia remeter-nos à verdade quando não houvesse nela a intenção da comunicação, ou seja, quando por meio da linguagem nada se quisesse dizer, de maneira que as palavras estariam relacionadas entre si como fórmulas matemáticas, como na música: “*Sprache wie mit den mathematischen Formeln sei - Sie machen eine Welt für sich aus - Sie spielen nur mit sich selbst, driicken nichts als ihre wunderbare Natur aus, und eben darum sind sie so ausdrucksvoll - eben darum spiegelt sich in ihnen das seltsame Verhältnisspiel der Dinge*” (NOVALIS 1978: 438). Não há o que entender, já que “*man versteht die Sprache nicht, weil sich die Sprache selber nicht verstehe, nicht verstehen wolle*”. Desta maneira, caberia à Poesia a recuperação de tal linguagem, já que aquela constituiria um sistema único, próprio, hermético, que se explica por si mesmo, ao contrário da linguagem utilitarista, designativa e lógica que visa meramente a comunicação.

É válido notar que já em Herder encontramos observações a respeito do efeito de esvaziamento da linguagem devido à gradativa perda de sensibilidade humana: „*Unsere künstliche Sprache mag die Sprache der Natur so verdrängt, unsre bürgerliche Lebensart und gesellschaftliche Artigkeit mag die Flut und das Meer der Leidenschaften so gedämmmt, ausgetrocknet und abgeleitet haben, als man will.*“ (HERDER 2002: 6-7).

Diante de todo o exposto, fica evidente o papel da poesia na recuperação da linguagem originária, aproximando, assim, o homem do mundo. É válido reproduzir também as palavras de BERMANN, tão bem colocadas sobre esse assunto:

Se tudo é linguagem, não há linguagem no sentido específico. A linguagem humana encontra-se perpetuamente em falta com relação a essa linguagem do tudo. O sistema dos signos precisamente lingüísticos parece que como atingido pela pobreza em relação a essa incessante comunicação do mundo. **A tarefa da poesia é a de reaproximar a linguagem humana da linguagem universal.** Mas isso não significa de forma alguma naturalizar a poesia e suas formas: ao contrário, na medida em que a linguagem das coisas é puro mistério, pura significância vazia, a tarefa da poesia será criar uma *Kunstsprache* possuindo as

mesmas características: “Narrativas, sem conexão, entretanto providas de associação, como sonhos.” [Novalis] (BERMANN 2000,167-8. Grifo nosso.)

Sendo assim, retomemos o conceito de *romantização do mundo* pregado pelos românticos de Jena. De acordo com Fichte, o Eu só poderia se reconhecer enquanto ser no mundo à medida que se põe nele (*sich setzen*), isto é, em contrapartida com um Não-Eu fora do Eu. Desta forma, para que haja o auto-reconhecimento, ou, mais do que isso, para que o Eu possa se afirmar enquanto tal, não basta apenas que tenha em mente sua existência, mas que se reconheça pelo Sentimento (*Selbstgefühl*). Neste processo paradoxal entre Sentimento e Pensamento encontrar-se-ia, assim, o Eu. Ao contrário de Fichte, Novalis acredita que a identificação do Eu não se estabelece a partir do externo, do Não-Eu, já que ambos (Eu e Não-Eu) estariam dentro do Eu. Isto se explicaria pelo fato do mundo exterior ser apreendido por cada um de maneiras diferentes, já que a imagem que depreendemos de fora precisa passar por nossos sentimentos, nossos pré-conceitos para, então, ser constituída dentro de cada um. Resumidamente, cada um enxerga o mundo à sua maneira, e, portanto, cada um concebe a si mesmo em comunhão com a imagem que se tem do externo, a qual, por sua vez, é formada no interior do Eu. De acordo com UERLINGS, “*Anders als bei Fichte setzt sich das Ich nicht mehr ein Nicht-Ich entgegen, sondern Thesis und Antithesis sind beide im Ich, im Prozess seiner Selbstvermittlung durch die Wechselrelation, den Ordo inversus von Gefühl und Reflexion.*” (UERLINGS 1998: 63).

Este *Ordo inversus*, isto é, o processo constante de inversão e representação do Eu no outro, bem como do outro no Eu, do reconhecimento da parte pelo todo e do Todo em cada parte, da aceitação do infinito por meio do finito, estabeleceria a idéia da ‘romantização do mundo’, já que, segundo NOVALIS:

O mundo precisa ser romantizado. Assim reencontraremos o sentido originário. Romantizar nada é, senão uma potenciação qualitativa. O si-mesmo inferior é identificado com um si-mesmo melhor nessa operação. Assim como nós mesmos somos uma tal série potencial qualitativa. Essa operação é ainda totalmente desconhecida. Na medida em que dou ao comum um sentido elevado, ao costumeiro um aspecto misterioso, ao conhecido a dignidade do desconhecido, ao finito um brilho infinito, eu o romantizo - Inversa é a operação para o superior, desconhecido, místico, infinito – através de uma conexão este é logaritmizado – adquire uma expressão corriqueira. Filosofia romântica. Língua romana. Elevação e rebaixamento recíprocos. (NOVALIS 2001: 142)

Fica, então, evidente a necessidade de se retornar ao interior de si para a compreensão da natureza, do mundo, de si mesmo, e assim, para o restabelecimento da

linguagem originária capaz de colocar ser e mundo em comunicação plena. A esse respeito, citaremos uma passagem de *Die Lehrlinge zu Sais* em que o poeta evidencia a necessidade do homem de olhar para dentro de si, mas olhar para si de maneira consciente, de forma que sentimento e reflexão devem caminhar juntos. Ao mesmo tempo em que o homem adentra seu Eu, ele deve refletir sobre ele, ou seja, deve haver primeiramente o estímulo da sensibilidade seguido da reflexão:

Empfinden und denken zugleich (...) Dadurch gewinnen beide Wahrnehmungen: die Außenwelt wird durchsichtig, und die Innenwelt mannigfaltig und bedeutungsvoll, und so befindet sich der Mensch in einem innig lebendigen Zustand zwischen zwei Welten in der vollkommensten Freiheit und dem freudigsten Machtgefühl (...) Unbekannte und geheimnisvolle Verhältnisse der Natur vermuten, und so ist die Natur jene wunderbare Gemeinschaft, in die unser Körper uns einführt, und die wir nach dem Masse seiner Einrichtungen und Fähigkeiten kennen lernen. (NOVALIS 1981: 114-5)

Uma outra maneira de se resgatar a Idade de Ouro evidenciada em *Die Lehrlinge zu Sais* seria por meio da morte, já que esta levaria à libertação. Tal idéia encontrar-se-ia, de certa forma, relacionada à dimensão cíclica do tempo, já que todos retornam para o lugar de onde vieram: “por todo o lado brotam as chamas da vida; reconstroem-se antigas moradas, renovam-se os antigos tempos e a história transforma-se em sonho de um presente sem limites.” (NOVALIS 1989: 46).

Ainda no que se refere à dimensão espaço-temporal, é válido ressaltar o fato de que, para Novalis, ao atingirmos o estado adâmico verificado na Idade de Ouro, não haveria distinção entre tempo e espaço, de maneira que um perpassaria o outro, isto é, o tempo se tornaria espaço e vice-versa. Da mesma forma, presente, passado e futuro se fundiriam em um só, de modo que o que ocorreria no passado retornaria no futuro, tornando o presente ao mesmo tempo chave para o passado e olhar para o futuro:

Nichts ist poetischer, als Erinnerung und Ahnung, oder Vorstellung der Zukunft. Die gewöhnliche Gegenwart verknüpft beide durch Beschränkung- es entsteht Kontinuität, durch Erstarrung- Kristallisation. Es gibt aber eine geistige Gegenwart- und beide durch Auflösung identifiziert - und diese Mischung ist das Element, die Atmosphäre des Dichters. Nicht Geist ist Stoff. (NOVALIS 2006: 36)

O ambiente descrito na passagem acima poderia ser resgatado na poesia, bem como no conto de fadas e no sonho, remetendo-nos, ainda, à morte vista como um meio para o retorno à Idade de Ouro. No entanto, percebe-se no texto certo receio da morte, o

narrador teme a morte, ao mesmo tempo em que enxerga nela o caminho que o levaria ao Todo Original. A passagem de *Die Lehrlinge zu Sais* remete-nos ao mito bíblico do Apocalipse:

Porque a Natureza, mesmo que andemos muito e cheguemos a alguma parte, continua a ser o moinho aterrador da morte (...) mas não tardará o grande dia em que serão todos levados a uma geral decisão imensa e acabem com esta miserável conjuntura e evadam deste terrível cárcere e libertem da dor para sempre a sua raça, por renúncia voluntária à permanência na terra, e se refugiem num mundo melhor, ao pé dos antepassados. (NOVALIS 1989: 48/9)

Diante do receio da morte, restaria ao homem recorrer à poesia ou ao sonho, já que ambos interromperiam o fluxo comum do cotidiano, transpassando os limites da consciência para chegar ao verdadeiro Eu interior: “*While we sleep the dream functions as opening or gateway to realm beyond that in our normal state of walking consciousness is opened to us by poetry.*” (PFEFFERKORN 1988: 173). Por se tratar o sonho de um ato involuntário, torna-se a poesia o melhor caminho para se adentrar os mistérios do inconsciente. Assim, nesse ritmo dissonante que nos remete ao fluxo de consciência, encontraria o homem a sua Verdade. Fica, então, evidente a importância de Novalis ao antecipar a reescrita da história da poesia na França por Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Valéry:

Interioridade neutra em vez de sentimento, fantasia em vez de realidade, fragmentos do mundo em vez de unidade do mundo, mistura daquilo que é heterogêneo, caos, fascinação por meio da obscuridade e da magia lingüística, mas também um operar frio análogo ao regulado pela matemática, que alheia o habitual: esta é exatamente a estrutura dentro da qual se situarão a teoria poética de Baudelaire, a lírica de Rimbaud, de Mallarmé e a dos poetas hodiernos. (...) Tudo isto se poderia completar com as expressões de Fr. Schlegel sobre a exigência de separar o belo do verdadeiro e do moral, sobre a necessidade poética do caos, sobre o “excêntrico e o monstruoso” como pressuposto da originalidade poética. Novalis e Schlegel foram lidos na França e fomentaram os pensamentos fundamentais do Romantismo francês (FRIEDRICH 1991: 29)

Ainda no que se refere à idéia de que o homem deve buscar em si mesmo o caminho para a Verdade, vale ressaltar que em determinado momento, percebemos outra voz narrativa que se contrapõe ao narrador principal, questionando todas as suas teorias. Mais adiante, temos a impressão de que, na realidade, a voz antagônica representada por um forasteiro estaria presente dentro do narrador, isto é, dentro do próprio Eu. Este estaria, então, em contradição consigo mesmo, procurando buscar em seu interior a sua Verdade, a qual residiria ora na razão, ora no sensível:

Glaubst du nicht, dass es gerade die gut ausgeführten Systeme sein werden, aus denen der künftige Geograph der Natur die Data zu seiner großen Naturkarte nimmt? Sie wird er vergleichen, und diese Vergleichung wird uns das sonderbare Land erst kennen lehren. (NOVALIS 1981: 116)

Die Natur wäre nicht die Natur, wenn sie keinen Geist hätte, nicht jenes einzige Gegenbild der Menschheit, nicht die unentbehrliche Antwort dieser geheimnisvolle Frage, oder die Frage zu dieser unendlichen Antwort. (NOVALIS 1981: 117).

Tem-se, portanto, a imagem do homem em contradição, dividido entre a verdade mundana convencional, racional, e a verdade romântica que o leva ao encontro de seu espírito. Tal aspecto em *Die Lehrlinge zu Sais* remete-nos à trajetória do próprio Novalis, constantemente divido entre os estudos de tratados filosóficos de autores diversos, sua vida pessoal repleta de perdas irreparáveis como a de Sophie e de seu irmão, as indecisões profissionais, enfim, entre Razão e Beleza. Ao estabelecer o diálogo, seja ele interno ou entre outros personagens, o poeta leva-nos a refletir, cumprindo o papel de leitores ativos almejado por Novalis. Uma vez que o romance permanece fragmentado, cabe-nos, por fim, concluir-lo de acordo com nossa própria verdade interior e percepção do mundo:

O verdadeiro leitor tem de ser o autor amplificado. É a instância superior, que recebe a causa já preliminarmente elaborada da instância inferior. O sentimento, por intermédio do qual o autor separou os materiais de seu escrito, separa novamente, por ocasião da leitura, o que é rude e o que é formado no livro – e se o leitor elaborasse o livro segundo sua idéia, um segundo leitor apuraria ainda mais, assim, pelo fato de a massa elaborada entrar sempre de novo em recipientes frescamente ativos, a massa se torna por fim componente essencial – membro do espírito eficaz. (NOVALIS 2001: 103)

Referências bibliográficas

- BERMAN, Antoine. *A prova do Estrangeiro. Cultura e Tradição na Alemanha romântica.* Trad. Maria Emilia Pereira Chanut. São Paulo, EDUSC, 2002.
- BÉNÉJAM-BONTEMPS, Marie Josette. Idade de Ouro. In: BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários.* Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2004. p. 474-6.
- ESTHERHAMMER, Angela. *The romantic performative. Language and Action in British and German Romanticism.* Stanford, California, Stanford University Press, 2000.

- FICHTE, J.G. Von der Sprachfähigkeit und dem Ursprunge der Sprache. In: *Gesamte Werke*. Berlin, Verlag von Veit und Comp, 1846.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1991.
- HERDER, Johann Gottfried. *Abhandlung über den Ursprung der Sprache*. Stuttgart, Reclam, 2002.
- JOHNSON, Laurie Ruth. *The art of recollection in Jena, romanticism, memory, history, fiction and fragmentation in texts of Friedrich Schlegel and Novalis*. Tübingen, Niemeyer, 2002.
- MENNINGHAUS, Winfried. *Walter Benjamins Theorie der Sprachmagie*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Taschenbuch, 1995.
- NOVALIS (Friedrich von Hardenberg). Die Lehrlinge zu Saïs. In: *Novalis Werke*. Herausgegeben und kommentiert von Gerhard Schulz. München, Verlag C. H. Beck, 1981. p. 96-127.
- NOVALIS. *Os discípulos em Saïs*. Tradução de Luís Bruhein. Lisboa, Hiena, 1989.
- NOVALIS. Fragmente und Studien. In: NOVALIS. *Fragemente und Studien. Die Christenheit oder Europa*. Stuttgart, Reclam, 2006. p. 05-66.
- NOVALIS. *Pólen*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Iluminuras, 2001.
- NOVALIS. *Werke, Tagebücher und Briefe*. Organizado por Hans-Joachin Mähle Richard Samuel. München, Karl Hansen Verlag, 1978ss. v. 1-3.
- PFEFFERKORN, Kristin. *Novalis: A Romantic Theory of Language and Poetry*. Yale, Yale University Press, 1988.
- PIKULIK. *Frühromantik- Epoche- Werke- Wirkung*. München, Verlag C.H. Beck, 1992.
- UERLINGS, Herbert. *Novalis (Friedrich von Hardenberg)*. Stuttgart, Reclam, 1998.